



# Belo Horizonte

CADERNO DE RESUMO · SEMINÁRIO

PROJETO  
MEMÓRIA

# LÉLIA Gonzalez

Caminhos  
e Reflexões  
Antirracistas e  
Antissexistas



Realização:



Parceria:





PROJETO  
MEMÓRIA

**LÉLIA**  
**Gonzalez**

Caminhos  
e Reflexões  
Antirracistas e  
Antissexistas

## ✓ **Belo Horizonte**

São Luís

Porto Alegre

Rio de Janeiro

Belém

Brasília

Salvador

**10 e 11  
de julho  
de 2024**

Centro Cultural  
Banco do Brasil  
Belo Horizonte





**SOBRE**

# LÉLIA Gonzalez

Nascida em Belo Horizonte no dia 1º de fevereiro de 1935, Lélia de Almeida mudou aos 7 anos para o Rio de Janeiro. Ela não precisou trabalhar nova, por ter muitos irmãos mais velhos. Impulsionada por eles e por sua mãe, Lélia pôde se dedicar aos estudos.

Graduou-se em História e em Geografia pela então Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi professora de Ensino Médio e, aos 30 anos, começou a estudar Psicanálise.

Em 1975, fundou o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras e o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Além de criar o primeiro curso institucional de cultura negra do Brasil.

Ainda antes dos 40, Lélia já era uma intelectual reconhecida. Foi quando se tornou ativista do movimento negro, por meio do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, pelo qual se tornou uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado em 1978.

A partir de então, no meio intelectual começou a trabalhar para quebrar a ideologia hegemônica racista e sexista que imperava no meio acadêmico. Ela começou a abordar os debates contemporâneos do Brasil e do mundo por uma centralidade amefricana.

Concorreu a deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 1982 e trabalhou como assessoria da então vereadora de primeiro mandato Benedita da Silva, no Rio de Janeiro. Contribuiu com a fundação tanto do PT como do PDT, além do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras e do Olodum.

## **SOBRE O PROJETO MEMÓRIA**

Criado em 1997, pela Fundação Banco do Brasil, o Projeto Memória tem como missão resgatar, preservar e difundir a vida e a obra de importantes personalidades que contribuíram para a transformação social e a construção da cultura brasileira.

Foram realizadas 13 edições, com o objetivo de valorizar a cultura e a história do país, a partir de homenagens a personalidades e fatos que ajudaram a construir a identidade nacional e fortalecer a cidadania.

Já foram homenageados pelo Projeto Memória o poeta Castro Alves, o escritor Monteiro Lobato, o jurista Rui Barbosa, o navegante Pedro Álvares Cabral, o presidente Juscelino Kubitschek, o sanitarista Oswaldo Cruz, o sociólogo Josué de Castro, o educador Paulo Freire, a feminista Nísia Floresta, o líder da Revolta da Chibata João Cândido, o sertanista Marechal Rondon, e o poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade.



1º DIA – 10·JULHO·2024

## SEMINÁRIO

# “Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas”

Salvador, BA

Mediadora

**Etiene Martins**



Mineira da cidade de Belo Horizonte. Militante do movimento de mulheres negras, jornalista, doutoranda e mestre em comunicação e Cultura pela UFRJ – pesquisadora das relações raciais e de gênero cursando o mestrado em Relações Étnico Raciais no CEFET-RJ. Idealizadora das duas primeiras estátuas negras da cidade de Belo Horizonte, são elas Lélia Gonzalez e Carolina Maria de Jesus.

Convidada

**Jurema Batista**



Professora, formada em Português - Literatura, com especialização em Políticas Públicas pela UFRJ. Foi eleita por 3 vezes vereadora, além de ter sido a primeira deputada estadual negra do Rio de Janeiro. Defensora dos Direitos Humanos, sempre lutou em defesa das populações desfavorecidas, trabalho este que atravessou fronteiras, sendo reconhecida pela ONU, com indicação ao Prêmio Nobel da Paz de 2005.

Convidada

**Yone Maria Gonzaga**



Doutora e Mestre em Educação/UFMG; Professora colaboradora do Programa de Mestrado Profissional Educação e Docência/Faculdade de Educação/UFMG, Orientadora Curso Maestria Estado, Governo e Políticas Públicas da Flacso Brasil. Consultora em Educação para as relações étnico-raciais.

Convidada

**Lucilene Acácio**



Mineira de Belo Horizonte/MG, graduada em Ciências Contábeis com especialização em ESG e Inovação pela PUC Minas, trabalho no Banco do Brasil há 12 anos, faço parte do grupo auto-organizado BB Black Power desde 2016 e acredito que a cada dia tenho a oportunidade de ser feliz contribuindo para um mundo melhor.

## PAINEL I

# A influência de Lélia Gonzalez na Luta Antirracista e Antissexista

### FALAS DE ABERTURA



**Claudia Costa (Mestre de Cerimônia):** E é com grande alegria que damos início à primeira noite do seminário “Projeto Memória Lélia Gonzalez: caminhos e reflexões antirracistas e antissexistas”. Essa iniciativa é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Cultura, em parceria com a Fundação Banco do Brasil. Antes de iniciarmos os diálogos, queremos agradecer a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, o Centro Cultural Banco do Brasil de Belo Horizonte, a Fundação Banco do Brasil e o Governo Federal do Brasil: União e Reconstrução, pelo valioso apoio ao “Projeto Memória”. Convidamos para uma breve fala o filho da nossa homenageada Lélia Gonzalez, Rubens Rufino.



**Rubens Rufino:** Hoje é um dia que me deixa muito emocionado, principalmente quando eu cheguei aqui no CCBB, que a gente começa a ver as coisas... A saudade é muito grande. Eu, como filho, tenho um grande orgulho por tudo que ela fez, eu gosto sempre de repetir isso, é que eu sei muito bem que ela renunciou aos sonhos pessoais dela, da vida dela privada pra lutar pelo povo negro. Lutar pelo povo. Então, esse é o meu grande orgulho, o grande orgulho da nossa família. A luta dela pelo povo dela.



### FALAS DO SEMINÁRIO

**Claudia Costa (Mestre de Cerimônia):** Nessa primeira noite de seminário, temos a honra de contar com a presença da primeira deputada estadual negra do Rio de Janeiro e indicada ao Prêmio Nobel da Paz, em 2005, Jurema Batista; a doutora e mestra em educação pela UFMG, Yone Gonzaga; e a membra do grupo auto-organizado BB Black Power, funcionários negros e negras do Banco do Brasil, e graduada em Ciências Contábeis pela PUC Minas, Lucilene Acácio.

Vamos dar início ao nosso primeiro painel, “A Influência de Lélia Gonzalez na Luta Antirracista e Antissexista”. Para mediar este painel, temos a honra de contar com a presença de Etiene Martins, jornalista, doutoranda e mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ, idealizadora das duas primeiras estátuas negras da cidade de Belo Horizonte, com experiência em relações étnico-raciais e no movimento de mulheres negras.



**Etiene Martins (Mediadora):** Vamos conversar a respeito de Lélia, E vou voltar a repetir o tema da nossa mesa, que é “A Influência de Lélia na Luta Antirracista e Antissexista”. Mulheres, Lélia é uma referência incontornável para compreender o Brasil como ele realmente é. Para começar, vou convidar a nossa visitante, Jurema Batista que veio do Rio de Janeiro pra cá, pra poder trazer com sua presença, essa fala tão importante, eu começo por você Jurema.



**Jurema Batista:** A primeira coisa, que eu queria dizer é que falar de Lélia é sempre uma emoção. Porque ela representou, e representa, muito da minha história. Eu acho qu'enão existiria Jurema Batista se não tivesse havido Lélia Gonzalez na minha vida. Porque o meu despertar, falando da questão da luta antirracista, eu devo a Lélia que era aquela pessoa, de visão. E ela me enxergou de uma forma, que eu sempre digo que

ela me adotou. Assim, como militante, ela me pegou na mão, e não foi uma coisa que eu quis, que eu quisesse.

Eu estava na universidade e um amigo me chamou para assistir uma palestra que estava ocorrendo no grupo Luiz Gama de História. Eu era da Literatura, e eu disse que não ia, porque: “essa pessoa preta inventou que no Brasil tem racismo? Isso não tem aqui. Nos Estados Unidos tem racismo. Aqui, não”. Mas eu acabei indo parar, nesse debate que a Lélia estava fazendo, muito a contragosto, porque meu amigo cometeu comigo uma violência. Ele falou para mim que se eu não fosse, ele ia arrancar a minha peruca. Diante de uma situação dessa, eu fui.

Cheguei lá, vi a Lélia, falando, falando, falando, eu pensei: “não, essa mulher está ficando louca, onde é que ela inventou essa história? O que é isso? Racismo no Brasil?”. Falei assim: “eu tô aqui, eu sou preta, eu tô aqui na universidade”. Numa Universidade católica. Falei e aí eu vi que só tinha eu de preta na turma. Só tinha eu na escola e tinha esse meu amigo, que depois veio a ser meu assessor. Ele foi assassinado no nosso primeiro mandato ele foi assassinado. E eu conseguia ver, eu literalmente bebi do mito da democracia racial. Eu bebi. E a Lélia me aparece, linda. Muito linda. Aquela mulher estilosa, empoderada.

Nessa época não tinha Wi-Fi, não tinha IFood, não tinha nada disso, não é? Não tinha como seguir a Lélia; então você seguia a Lélia fisicamente, né? Aonde Lélia ia, eu ia atrás. Sempre iam várias pessoas na casa dela. E ela sempre me convidava. Por exemplo, Luiza Bairros saía de Salvador, ia lá na casa de Lélia fazer reunião. E eu fui bebendo in loco com Lélia. E nesse processo eu fui ganhando consciência racial. Aí eu digo para as pessoas que foi, assim que eu fiquei tão raivosa, mas tão raivosa... Depois eu fiz análise. Eu tive alta da analista. Nem na análise eu descobri por que que eu fiquei com tanta raiva. Por quê? Eu fui enganada a vida inteira. Porque me disseram que todo mundo era igual, que todo mundo era irmão e aí eu descobri um monte de coisa, arrumei briga com marido, separei do marido... porque nesse contexto eu virei presidente da As-

sociação dos Moradores. Mas porque isso.... Por que eu estou falando essa história toda? Vejam até onde foi dar a militância antirracista de Lélia. Ela me sacou. Gente, foi, assim, uma coisa maravilhosa. E aí aconteceu que eu virei militante de tudo. Eu virei militante da comunidade, eu fui a primeira presidente da Associação de Moradores da comunidade. Consegui levar a luz da Light para lá. Consegui um monte de coisas.

Por conta da luta antirracista de Lélia, eu renasci. Quer saber o resultado de alguém que foi impactado por alguém que fez a luta antirracista? Eu sou prova viva de que isso funciona. E funcionou, porque depois disso, depois de Lélia, vieram muitas outras Lélías. Foi todo um trabalho que a gente começou lá atrás e que não vai parar tão cedo, porque tá faltando cara preta nos lugares. Temos que enegrecer os espaços políticos e os espaços públicos desse país.



**Etiene Martins (Mediadora):** Haja coração para poder conseguir digerir essa potência. Porque imaginar uma pessoa que fala, achava que o racismo não existia, a que Lélia conseguiu transformar esse pensamento, e essa pessoa sair da negação pra poder lutar e virar uma deputada, passar por vereadora? É muita coisa!

E eu vou passar a palavra pra Yone Gonzaga. Yone, por que é importante a gente explorar e compreender sobre a importância de Lélia na luta contra o racismo?



**Yone Gonzaga:** O pensamento, as ações de Lélia transformaram e ainda continuam transformando vidas. Isso é muito importante pra nossa história de mulher negra. E eu falo deste lugar, do lugar de uma mulher negra, belo-horizontina, mãe, atleticana - Lélia também gostava de futebol, não é? Então, é desse lugar. E eu falo de um lugar que me é muito caro, porque é um lugar, de ser professora. De estar presente no processo de educar. De despertar o desejo de outras pessoas em querer estudar.

Eu comecei na militância do movimento negro num tempo, assim, bem lá atrás. E quando eu comecei a militar no movimento negro, eu queria entender o que que era o movimento negro, aquela reunião de homens e mulheres que discutiam racismo, porque na minha casa, na minha família, sempre se falava: “olha, nós pretos temos que saber entrar e sair nos lugares”. Não era assim que falavam com a gente? A gente tem que saber onde anda, como se portar, porque: “você são preto”. A gente ouvia isso demais. E eu sempre curiosa, queria entender esse processo. Então, ao mesmo tempo em que havia um fortalecimento de uma negritude, havia também as negações, os cabelos alisados, esse saber se comportar, saber entrar, saber sair.

Eu não estive em vida com Lélia, mas eu bebi das histórias contadas sobre Lélia. E como eu era estudante de licenciatura à época, um dos temas muito debatidos por Lélia era a ausência, de histórias engrandecedoras sobre os negros nos livros didáticos, nos manuais didáticos, não é? Ela já dizia isso lá nos anos 80. E, como eu disse, estudantes de licenciatura nunca tinham me falado na graduação, na universidade sobre isso. Universidade elitista, como era e ainda continua sendo. Então, as nossas histórias negras eram sempre negadas.

E foi no movimento negro, através da militância no movimento negro, que eu fui aprender, né? Que eu fui destrinchar um pouco mais da minha história negra, das raízes africanas e afro-brasileira. Fui aprender, sobre essa cultura negra tão viva, tão pulsante, tão intensa, que transformou e transforma a história desse país. Então assim, Lélia entrou na minha vida a partir desses debates sobre educação, o centenário da abolição e de um desejo, de trazer essa história que não foi contada, que nos foi negada nas escolas, não é? Pras nossas famílias.

**Etiene Martins (Mediadora):** Muito obrigada, Yone. Agora a Lucilene vai falar de uma perspectiva de uma funcionária pública, que é um lugar que todos nós buscamos, não é? Minimamente um lugar de dignidade. E eu gostaria que você falasse,



pontuasse também a importância de Lélia na luta contra o racismo a partir da sua perspectiva, da sua trajetória.

**Lucilene Acácio:** Nossa, gente, quanta emoção! Falas tão poderosas, tão potentes. Eu vou contar um pouco da minha história aqui. A minha família é tradicionalmente mineira. Minha mãe era do lar, meu pai militar. E desde pequena eu fui criada numa sociedade onde o pai era o provedor. Mas, minha mãe nunca aceitou isso muito bem. Então, ela sempre, na medida do possível, deu um jeito de nos prover também com atividades que ela sabia fazer.

A minha mãe sabe costurar, costurava pra fora, porque ela achava digno uma mulher também ter um trabalho, ter uma profissão. E nós somos, da periferia de Belo Horizonte, onde, como diz Lélia: “a massa é negra”, né? E perto do lugar que a gente morava é um lugar onde a gente tinha uma favela, que hoje ela é urbanizada, e as pessoas passavam muitas dificuldades. Então, juntamente com a igreja, que eu sou católica, a gente fazia um movimento de ir à casa das pessoas compartilhar a palavra e provê-las, das necessidades dela.

Assim eu comecei a minha militância: com o exemplo da minha mãe, que tanto me encorajou a olhar o próximo, como generosidade. concluir o ensino médio num colégio militar, onde a maioria era branca. E no colégio militar, eu nunca compreendia por que eu nunca tive colegas negros pra conversar. E sempre assim na hierarquia militar, onde o negro era pouco valorizado. A história que a gente tinha da África era aquela África colonial, de que o negro veio para o Brasil e trabalhou.

Aos poucos, eu fui vendo que aquela realidade não condizia. Como que o negro veio para o Brasil e trabalhou se aqui a gente quase não conhece médico negro, repórter negro? E quando eu tive uma professora negra? Logo eu comecei a ter consciência desses fatos, eu comecei a conversar com meu pai: “E aí, pai? Como é que lá no batalhão?”. Falou assim: “ah, Lucilene, no batalhão tinha alguns negros, mas também têm alguns brancos. Mas a maioria são de brancos”. Falei assim: “mas todo

mundo não tem oportunidade?”. Falou assim: “ah, mas não é bem assim, não. Aos poucos você vai entender”.

Aí, com o passar do tempo, me perguntou: “que que você vai querer ser?”. Falei assim: “ah, pai, eu não pensei ainda, não”. E ele falou assim: “olha, filha, vai ser professora, porque no Brasil tem equilíbrio, professora tem mais oportunidade pra crescer”. Falei assim: “olha, mas a gente não pode ser o que a gente quiser?”. Sobre o nosso lugar, ele falou assim: “não, mas tem que procurar um lugar, assim, onde a gente, possa se sentir bem. Porque, hoje em dia, a sociedade, acho que não trata a gente de modo muito igual, não é? A gente tem que conviver mais com os nossos”. E eu falei assim: “ah, pai, mas jornalista é tão legal, não é? Trabalhar na televisão é bacana”. E ele falou assim: “ah, Lucilene, jornalista é muito complicado porque é tão difícil entrar, nesse meio, é tão concorrido. Vai ser jornalista, não. Vai ser professora”. Pensando bem... não, pai, vou fazer contabilidade, porque eu vou querer trabalhar numa grande empresa, e eu vou montar uma empresa para entender de balanço, eu vou entender de lucro, de prejuízo. Ah, eu vou dar bem na vida”.

E ele falou assim: “Lucilene do céu, você tem certeza de que vai fazer contabilidade?” Respondi: “sim, vou fazer”. “Lucilene, você vai querer estudar onde?”. Eu falei: “ô pai, vou querer estudar na PUC, porque lá a PUC são cinco estrelas”. Falou assim: “mas você não vai fazer universidade particular?”. “Faz favor, eu quero ir num lugar onde que eu tenha uma bela formação”. E eu fui, passei no vestibular, pra Ciências Contábeis e estudei na PUC. E a partir daí a gente vai entendendo mais o mundo, não é? Poucas pessoas negras, pessoal diverso e pensamentos. Antes não discutia sobre o racismo, porque era um mito. Até hoje, quando você vai conversar com uma pessoa, você ouve coisas assim: “nossa, você entende, né, que você sofreu um preconceito, né?”, quando você passa na rua. Ouve comentários sobre racismo: “Ah, isso não existe”....o mito da democracia racial.

Quando eu tive a oportunidade de fazer o concurso público, me falaram: “pra onde você vai fazer esse concurso? Falei assim: “ah, vou fazer para o banco, por inspiração da minha mãe”.



Falou assim: “nossa, mas banco? Qual?”. Falei assim: “ó, Banco do Brasil. Por quê?”, “lá não tem negro”, né? “Como assim? Você não tem uma família bancária, você não tem histórico de bancária, como é que você vai fazer concurso pro Banco do Brasil?”. Falei assim: “olha, eu posso estar onde eu quiser. Não preciso de um lugar para me posicionar. Se eu estudar, eu consigo”.

Quando eu fui aprovada, foi uma surpresa: “como ela conseguiu?”. Quando essa pergunta, ela chegou até a mim, eu, sinceramente, respirei fundo e respondi: “porque eu estudei. Se eu consegui, você também consegue”. Então, a partir daí, com minha entrada no banco, sempre sendo uma das poucas funcionárias pretas e causando espanto a quem ia conversar comigo, e sempre com a pergunta: “nossa, que maravilha, como você conseguiu?”, “até que enfim o Banco do Brasil tem uma funcionária negra”. Falei assim: “olha, eu fico feliz, e espero, né, que mude essa realidade”.

E foi assim que eu comecei minha batalha, sempre inspirada nos movimentos e todas as pessoas, nos nossos antepassados que lutaram para hoje construir um mundo melhor.

**Yone Gonzaga:** Quando eu soube que eu participaria deste evento, resolvi elaborar esse texto, mas não é um texto acadêmico. É uma carta, em que eu dialogo com a Lélia, coisas que eu gostaria de dizer pra ela, e vou partilhar aqui com vocês. “Querida Lélia Gonzalez, como você mesma nos ensinou, é preciso dizer o nome e o sobrenome, senão os brancos vêm e colocam apelido. Não é isso? Eu sou Yone Gonzaga, belo-horizontina de nascimento, mulher negra, mãe, ativista dos movimentos negros e movimento de mulheres da sua cidade, e apaixonada por futebol como você. Estou aqui para expressar minha gratidão pela sua existência, pela sua competência e a trajetória marcada pela resistência, consciência e potência negra diante de uma sociedade racista, sexista e misógina.

Que história era aquela que negava a existência dos povos originários que aqui viviam antes da chegada de colonizadores

brancos? E as mentiras inventadas sobre os povos africanos e que aqui eram simplesmente coisificados e massacrados? Ainda bem que você não engoliu essas artimanhas contadas em versos e prosas. Reuniu a crioula e se os pôs em resistência. Na realidade, hoje sabemos que os projetos realizados por você e os demais ativistas tinham como premissa resgatar a humanidade dos homens e mulheres descendentes daqueles e daquelas que foram traficados de África, coisificados e escravizados nessa terra.

Além disso, você denunciava uma sociedade que se organizou politicamente e pedagogicamente em defesa de uma concepção homogeneizada de povo brasileiro, indiferente de etnia, indiferente das referências étnico-raciais, indiferente de todas as suas perspectivas, e isso levou-os ao adoecimento. E hoje ainda a gente tem muitas negras e negros com sofrimento mental em função do racismo. É muita história que não nos foi contada. Mas, uma história contada e escrita mil vezes, ganha ares de verdade, não é mesmo?

Você mostrou na prática como que acontecia a interseccionalidade de gênero, raça e classe. Ah, Lélia, você nem imagina como essa categoria “interseccionalidade”, que você chamava de tripla discriminação, que tem sido fundamental para a ampliação de argumentos na esfera pública, dentro das academias. Ainda lutamos em prol de políticas específicas para as mulheres negras, assim como você nos ensinou ao participar do Conselho Nacional do Direito das Mulheres.

Refletindo sobre a sua trajetória, Lélia, me lembrei de Mãe Rita, outra ancestral mineira - de Contagem, que sempre dizia: “enquanto pensa ou reza, vai fazendo, porque o tempo não espera”. E embora seu tempo tenha sido muito curto, pois você se ancestralizou aos 59 anos, você marcou história com um posicionamento exemplar e a sua atuação política em vários cantos - antropologia, história, estudos linguísticos. O seu legado é infinito.”

**Etiene Martins (Mediadora):** Vou passar a palavra para todo mundo para poder agradecer e encerrar o nosso painel de hoje.



**Lucilene Acácio:** Primeiramente, gratidão pela presença honrosa neste momento, pelo convite. Isso, pra mim, vai ser inesquecível, e que possamos, né, unir forças pra continuar a luta, né? Não desanimar nas dificuldades, nas atribulações. Por quê? Se a gente pensar que podemos construir um mundo melhor pra todos, e que temos forças, ninguém nos para. Muito obrigada.



**Jurema Batista:** Gente, ó, muito obrigado pelo calor humano. Eu tô saindo daqui acarinhada, e aí todo mundo fica me paparicando. Falei: “ó, gente, tão me paparicando muito”. Né? Mas é bom, né? Esse carinho que as pessoas têm. Eu recebi aqui nessa noite também muito carinho, né? Pra falar da minha amiga, querida Lélia, essa pessoa extremamente importante pra minha vida e pra vida de muitas mulheres. E até breve.



**Yone Gonzaga:** Encontrar Jurema, Rosália Lemos, uma outra militante, mulher negra, também falava sobre a Jurema, e a importância da Jurema na cidade do Rio de Janeiro. E aí Jurema vem aqui e fala que muito dessa força foi aprendido, foi aprendido com Lélia. Então, isso nos deixa muito mais vigorosos, revigorados, não é? E cheios de boa energia. Falando sobre uma mulher negra. Em geral, a gente fala pouco, sobre nós, negras e negros, no lugar de potência, que é isso que a gente veio falar sobre Lélia. Então, muito obrigada.



**Etiene Martins (Mediadora):** Eu quero deixar o meu agradecimento também, gente. MUITÍSSIMO obrigada pela escuta, pelo carinho, pela atenção de todo mundo que ficou aqui até agora. E terminar, com essa frase, pequena frase que tá aqui no bloquinho, que eu acho que é importante a gente sempre evocar o pensamento de Lélia: “a gente não nasce negro, a gente se torna negro. É uma conquista dura, cruel e que se desenvolve pela vida da gente afora”.

2º DIA – 11·JULHO·2024

## SEMINÁRIO

# “Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas”

Salvador, BA

Convidada

**Luana Tolentino**



Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG. Professora de História da Educação Básica desde 2008, têm se dedicado à Formação Inicial e Continuada de Professores. É autora dos livros “Sobrevivendo ao racismo: memórias, cartas e o cotidiano na discriminação no Brasil” e “Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula”. É pesquisadora do NEIA -Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade/UFMG.

Convidada

**Angélica Luiza**



Natural de Ponte Nova. Cria do Bairro de Fátima território quilombola mais conhecido como Sapé. Bacharel em Ciências Contábeis, com Especializações em Gestão de Pessoas. Cofundadora do Grupo Afro Ganga Zumba. 14 anos de Banco do Brasil. Faz parte do Grupo do Movimento BB Black Power.

Mediadora

**Carlandréia Ribeiro**



Atriz, arte-educadora, escritora, curadora cultural, diretora de teatro e cinema. Sua trajetória artística é marcadamente influenciada pela atuação junto aos movimentos negros e pelos negros em movimento. Recebeu vários prêmios ao longo de sua carreira, dentre eles os prêmios Leda Maria Martins, Cena Minas, Copasa/Sinparc e Zumbi de Cultura. É co-idealizadora do projeto Diálogo Transatlântico Brasil Senegal, em parceria com Ibrahima Djitté, presidente da Assosiation Humanaire Yirwa, com sede no Senegal e também criadora do projeto Cartografia da Memória e do Afeto. Atualmente dedica-se à construção do seu novo espetáculo, Encontro das Águas - a poética de Conceição Evaristo e a voz insurgente de Lélia González.

Convidada

**Ieda Leal**



Ativista do MNU, Educadora e Sindicalista, Ex-Coordenadora Nacional do MNU - Movimento Negro Unificado. Graduada em Pedagogia/PUC GO, Especialista em Métodos Técnicas de Ensino pela Universidade Salgado de Oliveira. Ex-Secretária de Comunicação da CUT e Ex - Secretária de Gestão do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial / MIR.

## PAINEL II

# O Pensamento Decolonial de Lélia Gonzalez e sua contribuição para a Educação

### FALAS DE ABERTURA



**Claudia Costa (Mestre de Cerimônia):** Em homenagem aos 90 anos do nascimento e 30 anos de falecimento de Lélia Gonzalez, o “Projeto Memória” resgata a vida e a obra da escritora e ativista em uma série de atividades itinerantes. A iniciativa, que começou em Salvador, em maio, estreia em Belo Horizonte em julho e passará por mais cinco capitais brasileiras com exposições, seminários, que refletem sobre a luta antirracista e antissexista, até agosto de 2025. Essa iniciativa é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Essa iniciativa é uma realização da Associação Amigos do Cinema e da Cultura em parceria com a Fundação Banco do Brasil.

Agora convidamos para uma breve fala o filho de Lélia Gonzalez, o senhor Rubens Rufino. Bem-vindo, Rubens.



**Rubens Rufino:** Boa noite, minha gente. É um prazer, uma felicidade está participando desse evento aqui. Ontem foi uma data especial. Completou-se 30 anos do desencarne da minha mãe, da partida dela, mas foi um dia não de melancolia, mas de saudade, muita saudade. E aí, ontem, eu cheguei aqui e lembrei com as fotos, de forma muito emocionada, e lembrei e me remeti à nossa época juntos, em que Lélia foi, além de tudo isso que contaram dela, foi uma mãezona, foi uma avózona. Eu gostaria de agradecer à Fundação Ban-

co do Brasil, à AACIC, também à Secretaria de Cultura Municipal, na pessoa da Eliane, que é secretária. A Jozi, a Etienne e o Léo que foram pessoas que perpetuaram a história de Lélia aqui em Belo Horizonte. E não poderia me furtar de citar a querida Rosângela, assessora da Fundação Banco do Brasil, em quem vejo dedicação, comprometimento e engajamento. Agradeço de coração. Valeu, gente.

### FALAS DO SEMINÁRIO



**Claudia Costa (Mestre de Cerimônia)** – Nesta segunda noite de seminário, celebramos a presença de educadoras, integrantes de movimentos e especialistas dedicadas ao estudo das contribuições de Lélia a partir de suas análises sobre as relações étnico-raciais e de gênero, e os efeitos na educação. A temática do Pannel II, intitulada “O Pensamento Decolonial de Lélia Gonzalez e sua Contribuição para a Educação”.

Agora vamos dar início ao nosso segundo painel, “O Pensamento Decolonial de Lélia Gonzalez e sua Contribuição para a Educação”.

Para mediar este importante painel, temos a honra de contar com a presença de Carlandréia Ribeiro, atriz, arte-educadora, escritora, curadora cultural e diretora de teatro e cinema. Com experiência artística influenciada pelos movimentos negros, recebeu os prêmios Leda Maria Martins, Cena Minas, Copasa/Sinparc e Zumbi das Culturas.

É com grande prazer que eu apresento as nossas ilustres convidadas:

Luana Tolentino é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG, professora de História, de educação básica, desde 2008. Tem se dedicado à formação inicial e continuada de professores. É autora dos livros “Sobrevivendo ao racismo: memórias, cartas e o cotidiano na discriminação

no Brasil” e “Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula”. É pesquisadora do NEIA - Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade/UFMG.

Angélica Luiza, natural de Ponte Nova, cria do bairro de Fátima, território quilombola mais conhecido como Sapé. Bacharel em Ciências Contábeis, com especializações em Gestão de Pessoas. Cofundadora do grupo Afro Ganga Zumba, 14 anos de Banco do Brasil, membra do grupo do movimento BB Black Power.

Ieda Leal, ativista do Movimento Negro Unificado, educadora e sindicalista. Ex-coordenadora nacional do MNU. Graduada em Pedagogia pela PUC Goiás. Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino, pela Universidade Salgado de Oliveira. Ex-secretária de comunicação da CUT e ex-secretária de gestão do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial, o MIR.

Neste momento, eu passo a condução deste painel para Carlandréia Ribeiro.



**Carlandréia Ribeiro (Mediadora):** Eu começo pedindo licença às mais velhas, aos mais velhos, aqueles que vieram antes de nós abrindo caminhos, construindo pontes, fazendo das tecnologias ancestrais o esteio e o chão que nós pisamos aqui hoje. Nós que aqui estamos, filhas e filhos de Lélia Gonzalez. É uma honra muito grande estar aqui com essas três mulheres incríveis, estar aqui nesse espaço, nesse projeto tão importante que a Fundação Banco do Brasil proporciona para todos nós, porque há um tempo atrás - até bem pouco tempo, não é de tanto tempo assim - nós não tínhamos voz. Passo a palavra para Ieda Leal.



**Ieda Leal:** É muito bom tá de volta, não é? Eu sempre vou dizer que é estar de volta na casa dos meus pais. Minha mãe é mineira, de Pedra do Anta, perto de Timóteo, e meu pai mineiro

de Juiz de Fora, mas morou em Belo Horizonte durante algum tempo. E nós todos filhos da mãe mineira. Daquela mãe que fazia a mistura e que a comida é sempre molhadinha. Eu acho bacana o Rubens dizer: ele fala da mãe, não é? Da mãezona. Isso é muito bacana, porque a gente fala de uma outra mãe, que é da maternidade, do útero, da produção intelectual de uma mulher que se tornou uma das mulheres mais importantes pra política, pra cultura, pra arte, pro lazer, pra nossa performance individual e coletiva. Ela saiu distribuindo conhecimento para todo mundo e reorganizando a forma de pensar o Brasil, e as Américas, e o mundo. A cada passo de Lélia, a gente sabia que nós poderíamos esperar... ou quando a gente estuda Lélia, a gente sabe que a gente pode esperar algo mais, porque era, e é, uma fonte inesgotável da produção intelectual pra gente fincar o pé no chão. É de uma beleza de vivência que precisa ser estudado e a gente precisa respeitar como ela construiu o conhecimento.

Então, qual é a contribuição que, de fato, nós, professores da sala de aula, podemos perceber? Que a educação pode perceber? Lélia disse: “precisa estudar os teóricos brancos pra compreender que eles falharam, e que a gente precisa construir, estudar e produzir conhecimento a partir do que nós elaboramos”. Então, quando ela dizia isso não tinha Lei 10.639, dizia: “é necessário mexer no currículo”. Aí todo mundo mexendo no currículo, colocava assim: “ah, então nós vamos ter história da África numa disciplina”. Não é isto.

Mudar o currículo era dar sentido, para que a gente pudesse conversar sobre tudo, pra todos, e é na organização. Mas precisávamos ter professores. A gente não tinha professor que dominava. Nós não tínhamos professores que queriam dominar. Então, eu fico imaginando o quanto era desgastante. Ela produzia conhecimento, mas esse conhecimento não chegava aonde precisava chegar. Eu sou aluna de pedagogia. Na força e na brutalidade, a gente teve essas discussões na nossa escola superior. Mas quando você chega na escola, você depara com uma produção de livros que não era aquilo que a gente gos-

taria que fosse, que continuasse. E a gente aí ia descobrir que muita gente estudava aquilo.

Lélia para além da inspiração toda, nós percebemos também o contorno da família, contorno dos amigos e dos parceiros na produção artística. Ela desenhou as vidas, as variadas vidas que nós poderíamos ter se uma sociedade pudesse descobrir novamente o que significa, o que significou as Américas, o que significou a África e seus países, dando a condição de compreender a história de cada um. Eu acho que a Lélia trouxe isso pra gente: a cultura como uma necessidade básica. Mas não era a cultura de torcer por um time, dessa necessidade da felicidade, né? De reconhecer então, o olhar de uma mulher pela cultura, como ela fez, e como nós sobrevivemos pela nossa cultura.



**Carlandréia Ribeiro (Mediadora):** Muito obrigada pela potência da sua fala e por trazer para a gente, a sua experiência dessa trajetória toda, da convivência com Lélia. Em todas as vezes que eu tenho oportunidade de estar num espaço da educação, nos espaços educativos, dialogando com educadores, com professores, com estudantes, eu sempre convoco as pessoas a refletirem sobre a leitura que a gente precisa fazer de cada palavra que a gente diz. Semanticamente dizer, né, que “todo sofrimento é negro”, o que que eu estou dizendo com isso?

Quando eu digo... se, de repente, todo mundo aqui começara pular nas cadeiras, jogar tudo para cima, alguém entrar ali naquela porta e falar: “nossa, isso aqui tá parecendo o samba do crioulo doido”, o que eu estou dizendo com isso? Então, pensar na decolonialidade da educação passa por pensar o que eu digo em sala de aula. Como eu me relaciono com a palavra e com o sentido dela, né? Então, é mais para gente ficar refletindo mesmo, o que que é descolonizar o currículo. É só contar que - o que já não é pouca coisa, porque antes nem isso -, mas dizer quem foi Zumbi, quem foi Dandara, quem foi Luísa Mahin, quem foi Lélia Gonzalez, ou



é a partir de um saber, de um olhar, sob um olhar africano e afro-brasileiro, eu, a partir daí, estabelecer um currículo? Né? Então, é para a gente ficar refletindo.

E passo a palavra agora pra Angélica, para contar um pouco pra gente aí sobre a sua relação, com essa questão da influência da Lélia na educação e, enfim, trazer um pouco da sua experiência.

**Angélica Luiza:** Boa noite, pessoal. Eu vim compartilhar com vocês a trajetória de 16 adolescentes que ingressaram na luta antirracista através da dança afro e como isso tem conexão com o legado de Lélia Gonzalez. Para eu me preparar, eu corri atrás da biografia e fui entender melhor, porque eu já tinha ouvido falar da Lélia, mas não conhecia tão bem. Eu fiquei impactada. Gente, como eu tenho tudo a ver com ela? É impressionante. Não só eu, como essas 16 meninas. Em meados de 1987, um grupo de adolescentes - entre amigas, tias, primas, irmãs - participava ativamente de gincanas organizadas por um tradicional clube recreativo da cidade de Ponte Nova, situado na Zona da Mata. Todas, sem exceção, trabalhavam como empregada doméstica. Aí nós tínhamos essa equipe de gincana. O nome da equipe era “Cambalacho”. Uma das tarefas da apresentação da gincana era um grupo de dança. Aí foi aí que nós fizemos um grupo de dança para apresentar, e fomos campeãs dessa gincana. Naquele ano, era véspera do centenário da abolição formal da escravidão, e a Rede Globo de Telecomunicação veiculava em sua propaganda de final de ano a campanha “Axé Brasil”. A vinheta contou com a participação de artistas, personalidades negras, que, em coro, cantava em horário nobre para todo o Brasil. Quem souber, me acompanha. “Axé, axé, axé pra todo mundo, axé. Muito axé, muito axé, muito axé. Pra todo mundo, axé”.

Foi nessa época que a professora Dodora Costa e a cabeleireira e artista Rosângela Lisboa perceberam o potencial artístico e político dessas adolescentes, e as motivaram a participar

de uma apresentação pública de dança afro em manifestação aos 100 anos da suposta abolição, que ocorreria em maio do ano de 1988. Entretanto, nós não conhecíamos da dança afro, tampouco tinha ouvido falar, mas encaramos o desafio e criamos um grupo de dança afro, referenciado inicialmente nas músicas e danças de blocos afro-baianos, axé music.

E é nesse contexto que, sem conhecimento, nasce a primeira formação do Grupo Afro Ganga Zumba. Como diz a Lélia: “entram em cena mulheres quilombolas, anônimas e reconhecidas”. Na época, utilizávamos nos nossos ensaios os espaços das nossas casas, associações, igrejas, escola e até mesmo a rua onde morávamos. Assim começavam as nossas ações afirmativas antirracistas: com a dança afro durante a manifestação contra os 100 anos de abolição.

As ações com dança afro, percussão e canto firmaram-se, e o Ganga destacou-se em Minas e fora. Recentemente, o núcleo de cantos afro-mineiro apresentou-se em Brasília, na retomada do programa Abdias Nascimento, do Ministério da Educação. A nossa trajetória chegou ao conhecimento da Universidade Federal de Viçosa e Ouro Preto, e professores e alunos começaram a conviver com o grupo. Dessa relação, surgiu a participação em dois espetáculos da professora Carla Ávila, e, dessas trocas, daí nasce as primeiras pós-graduações em que o fundamento do TCC é o Grupo Ganga Zumba.

Recentemente, veio dois doutorados: um sobre a dança afro como prática antirracista, por Jaqueline Zeferino, e o outro, “Ganga no espaço Quilombo de Fátima”, por Lívia Rabelo. O Ganga tornou-se atividade municipal, estadual e patrimônio imaterial. E aquelas 16 meninas... umas que hoje são advogadas, professoras, diretora escolar, professora de dança afro, gestora de clínica médica, empreendedora, administradora e a bancária que aqui vos fala. “Quando as mulheres do Ganga dançam e cantam, elas movimentam a história”, diz Jaqueline Cardoso Zeferino. E foi assim, se aprofundando na biografia dela, é que eu percebi como nós somos Lélia.



**Carlandréia Ribeiro (Mediadora):** Angélica, obrigada. A sua história realmente emociona, e mais uma vez faz a gente acreditar que a educação é o caminho, que a educação salva, que nós temos esse direito - que já nos foi negado, mas a gente brigou muito e reconquistou esse direito. E nessa toada da emoção, Luana, você vai contar pra gente agora um pouco da sua experiência, como uma intelectual, uma jovem intelectual.



**Luana Tolentino:** Então, falar de Lélia Gonzalez, não é? Essa mulher que eu tive o privilégio de conhecer por meio da professora Constância Lima Duarte, que infelizmente não está aqui hoje, e eu tenho uma dívida homérica com a Constância por uma série de motivos, mas também por ter me apresentado Lélia Gonzalez quando eu tinha 25 anos - hoje eu estou com 40. E nessa questão de me apresentar, uma coisa que me marcou muito foi descobrir que Lélia não nasceu pronta.

Eu jamais, - lendo a obra dela -, eu jamais imaginei que ela não tivesse nascido pronta, porque ela fala que se reconhecer como uma mulher negra, assumir esse lugar de uma militante da luta antirracista, da luta contra o racismo, se deu a partir do momento que ela tem um casamento interracial e é vitimada pelo racismo nessa família. E aí ela compreende a importância, do reconhecimento dessa pertença racial e de também se engajar na luta contra o racismo.

lida que conviveu com a Lélia pode falar melhor do que a gente aqui, como que aquilo que as pessoas entendiam como um julgamento, como uma ofensa, a Lélia transformava isso em algo que ela tinha orgulho. Eu vou ler um trecho aqui, esse é um pouco mais conhecido, que a Lélia diz o seguinte: “estamos cansados de saber que nem a escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro, do índio, na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles”.

Então, cada vez que a gente pensar, nos avanços que nós tivemos, e são avanços inegáveis, não é?... então, esse livro didático que a Lélia fala lá no final da década de 70, não é o mesmo livro didático de hoje. E uma coisa que Lélia disse também, que ela pontuou. Frase dela: “escola é um aparelho do Estado. E, enquanto aparelho do Estado, como a escola nesse país tem servido para a manutenção das desigualdades. Como a escola nesse país tem expulsado deliberadamente os meninos negros da sala de aula, não é? E quanto essa escola muitas vezes contribui, para que esses meninos não tenham nenhuma expectativa, não é?. Como um aluno perguntou para mim: “professora, pra que que eu vou estudar Ciências se eu vou trabalhar em obra?”.

A gente sabe que trabalhar em obra é uma profissão digna como outra qualquer, mas a gente sabe também que essa profissão é exercida por aqueles que têm menor escolaridade, e a gente sabe que é uma profissão, também, que coloca os sujeitos que a exercem em uma condição de subalternidade. Então, a Lélia escreveu assim: “nós, mães negras, vivemos experiências muito duras, muito terríveis, que um companheiro do movimento negro de Minas Gerais chamou de ‘terror cotidiano’. Enfim, não existe uma mulher negra que não tenha vivenciado com um dos membros masculinos da família, que faça parte da sua convivência, essa experiência de violência policial”. Então, é isso. Obrigada, Lélia Gonzalez, por tudo que você ainda nos ensina, e por nos dar força pra seguir em frente nesse momento tão desafiador, nesse momento de tanta incerteza, nesse momento de tantas ameaças. Vamos em frente com Lélia Gonzalez. Obrigada.



**Carlandréia Ribeiro (Mediadora):** Obrigada. É isso. Não é nenhum bicho de sete cabeças a gente falar em educação étnico-racial nos ambientes da educação, nos ambientes escolares. Basta desejo, basta empatia e abrir a escuta, ouvir essas mulheres, o que elas têm a dizer como educadoras, ler o que os educadores negros tão dizendo, ler a obra de Lélia Gonza-

lez. Já é um salto imenso para a gente mudar a perspectiva da educação e que seja uma educação acolhedora. O espaço da escola deveria ser um espaço de acolhimento. Todos nós precisamos encontrar na escola um ambiente de acolhimento e de afeto. Os saberes, o que está na educação formal ali, instituído nas bases curriculares, isso é do dia a dia, mas isso só acontece na boniteza do acolhimento, não é?

Bom, gente, nós estamos terminando, então, essa segunda noite, pra falar sobre o legado de Lélia Gonzalez pra sociedade brasileira e, por que não, pra América Latina. Já que ela traz para a gente esse conceito da amefricanidade, não é? Que nos conecta com os povos ameríndios, os indígenas, e os povos africanos e afro-brasileiro. E é importante. Tudo isso que a gente ouviu aqui hoje traz para a gente muitas reflexões. Da questão da mulher em relação ao machismo, ao sexismo, não é? Essa questão do biopoder dos nossos corpos, como a gente pensar e refletir sobre os espaços educativos, não é?

## PARTICIPAÇÃO DA PLATEIA



**Schuma Schumacher (Curadora):** Acho que esse final está tão bonito e... mas é que eu não podia... primeiro, boa noite. É um prazer enorme está aqui em BH, gosto muito de Minas Gerais. E é porque eu faço parte - eu acho que é superimportante -, eu faço parte desse feminismo, leda, onde as mulheres negras não tinham espaço, né? Eu sou parte desse feminismo. Começo lá em 78, tem mais de 40 anos, onde aparecia uma ou duas mulheres negras, e eu nem posso imaginar o tamanho do sofrimento dessas mulheres, de permanecer e de insistir de construir uma proposta de transformação social. E foi com elas, e talvez tendo ouvido em algum momento, tendo sensibilidade em algum momento que eu fui prestando atenção, né? E foi com Nilza Iraci, com Sueli Carneiro, com Lélia, com Vânia Santana, do Rio de Janeiro. Foram as primeiras mulhe-

res negras com quem eu fui estabelecendo uma relação de respeito, no primeiro momento, depois de carinho e de afeto no segundo momento. Pra chegar hoje e dizer, principalmente, que o enfrentamento ao racismo, ao patriarcado, que são dois sistemas, que provocam tantas dores às pessoas negras, à comunidade negra, assim como tantas dores às mulheres, patrocinado aí pelo patriarcado, pelo sistema racista, que eu acho que, pra enfrentar isso, devemos considerar que e o racismo não é um problema da população negra. O racismo é um problema de nós, brancas; de nós, brancos, porque somos nós que praticamos.

É um problema de dores pra vocês, mas quem os pratica somos nós. E que eu acho que se nós não encararmos uma reflexão sobre os privilégios da branquitude, vai ser muito difícil mudar alguma coisa. Porque o movimento negro, a população negra se organizou há anos, e anos, e anos, está cada vez mais organizada, consciente que não se deve mais calar, nem dizer “sim, senhora”, “sim, senhor” pra branquinho algum, entendeu? Tem que continuar na luta pelos seus direitos, ganhar esse espaço, ser dona das suas vozes, não é? Mas é preciso também que nós, brancos e brancas, façamos uma reflexão e possamos discutir honestamente os privilégios da branquitude.

Não adianta, não tem como negar. Só o meu corpo, quando eu chego, branquela desse jeito, eu já tenho um outro lugar em qualquer lugar que eu vou. Então, se a gente não refletir sobre isso e ajudar nessa luta... quer dizer, e não basta dizer: “sou antirracista”. O que é que eu faço com o meu chamado antirracismo? Eu acho que essa é uma reflexão que eu queria deixar principalmente pra nós, brancos, e uma outra questão que eu acho que tá aí pra lutar. Sabe que a coisa eu acho que mais me incomoda na vida? São os elevadores ainda chamado “elevador social” e “elevador de serviço”. Eu acho que a gente tem que fazer uma revolução e mandar acabar com isso. Obrigada, gente.



**Cláudia Costa (Mestre de cerimônia):** Agradecemos imensamente a todas as palestrantes por suas contribuições excepcionais, e à nossa mediadora maravilhosa, Carlandréia Ribeiro, por conduzir este painel com tanta maestria.

Realização:



Parceria:



PROJETO  
MEMÓRIA

# LÉLIA Gonzalez

Caminhos  
e Reflexões  
Antirracistas e  
Antissexistas



[www.projetoleliagonzalez.com.br](http://www.projetoleliagonzalez.com.br)

Acompanhe o Projeto Memória nas Redes Sociais:

 @pm\_eliagonzalez  @pm\_eliagonzalez  pm\_eliagonzalez